

RELAÇÃO ENTRE FORMAÇÃO E PROFISSÃO: PERCEPÇÃO DE EGRESSOS E CONCLUINTES DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UNIRIO

Beatriz Lisboa de Matos (Universidade Federal
do Estado do Rio de Janeiro)

Eliezer Pires da Silva (Universidade Federal
do Estado do Rio de Janeiro)

1 INTRODUÇÃO

Por ser uma área que possui teoria e prática, a Arquivologia além de ciência, é uma ferramenta para a sociedade no que diz respeito à preservação de memória, garantia de direitos sociais, entre outros. Dado este fato, o profissional que atua na área precisa estar a par não somente dos avanços tecnológicos pertinentes a área, mas também ao que a sociedade demanda. Por isso, é importante que desde sua formação, no ambiente universitário, os estudantes possuam consciência do que sua profissão representa, e quais os desafios irão enfrentar para cumprir com suas funções enquanto arquivistas.

Por isso, a seguinte pesquisa possui como seu objetivo principal analisar a formação do arquivista, utilizando como universo de estudo o curso de graduação em Arquivologia da UNIRIO, e como essa formação se relaciona com o mercado de trabalho na percepção dos concluintes e egressos do curso, pois entendeu-se que somente analisando a percepção daqueles que se encontram

nesse cenário, poderia ser possível extrair dados mais próximos da realidade empírica de ensino no curso.

2 METODOLOGIA

Para dar prosseguimento a essa pesquisa social aplicada de cunho exploratório, fez-se necessário realizar uma pesquisa de campo, junto aos grupos de interesse (egressos e concluintes do curso de Arquivologia da UNIRIO) através de formulários online. Ao aplicar os questionários desenvolvidos para esta pesquisa nos grupos de interesse, foram coletadas 57 respostas de egressos (correspondendo a 26% do universo de possíveis respostas) e 42 respostas de concluintes (correspondendo a 21% do universo de possíveis respostas).

3 MARCOS CONCEITUAIS

3.1 A Formação acadêmica em Arquivologia no Brasil

No final da década de 1950, o Arquivo Nacional realizou ações relevantes para a capacitação de seus profissionais. Segundo Marques e Rodrigues (2017), durante seus primeiros anos de administração, o historiador José Honório promoveu o 1.º Curso de Arquivos, que possuía como enfoque, não somente as práticas de Diplomática e Paleografia que constavam nos planos de cursos anteriores, mas também a Gestão de Documentos e demais procedimentos técnicos de práticas arquivísticas inspiradas nos arquivos europeus e norte-americanos. Já no 2º Curso de Arquivos, a presença de professores da França e dos Estados Unidos da América, fortaleceram o intercâmbio de experiências. Graças a esse momento de contatos internacionais com teóricos arquivistas da América do Norte e Europa, muitos profissionais brasileiros também receberam a oportunidade de se aperfeiçoarem fora do país, para assim explorar as teorias e técnicas utilizadas no exterior.

Em 1974 o curso da Escola Superior de Arquivo (criada em 1972) ganhou o status de universitário, vindo a integrar os cursos da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (FEFIERJ), atual UNIRIO, em 1977. Ainda a partir do final da década de 1970, outros cursos de nível superior em Arquivologia foram fundados, entre os anos de 1976 (Universidade Federal de Santa Maria) a 2012 (Universidade Federal do Pará).

Grande parte das críticas voltadas às universidades, são de que a grade curricular dos cursos não correspondem à realidade do mercado de trabalho, ou não estão devidamente atualizadas conforme as novas descobertas e atualizações tecnológicas, ou ainda, o oposto, que os cursos estão demasiadamente voltados para o mercado de trabalho, o que pode tornar-se perigoso com o tempo, pois

as universidades trabalham com cursos que possuem tanto práticas técnicas quanto científicas, e basear-se inteiramente no mundo empresarial, pode acabar podando a produção de conhecimento científico (SOUZA, 2010). Para haver equilíbrio entre ciência e prática, é necessário estabelecer um ambiente de conversa entre o mercado de trabalho e a comunidade científica, e nenhum outro lugar senão a universidade, é o local mais apropriado para tal diálogo.

Ao considerar a criação de um programa de mestrado no Brasil, que segue por dois vieses de pesquisa que focam tanto em gestão quanto na inserção da Arquivologia e seu papel na sociedade, podemos considerar que no Brasil, a necessidade de atualização do perfil profissional é uma ideia presente na área. Entretanto, também devemos analisar que hoje, apesar de possuir 17 cursos de graduação em universidades públicas, existe apenas uma pós-graduação em Arquivologia em todo o país. Então, embora caminhe para a construção do perfil ideal de profissional (que seria aquele que atua ativamente no mercado de trabalho e no campo científico), ainda existem muitos desafios a serem superados na formação acadêmica.

Ao tratar dos desafios do ensino de Arquivologia no Brasil, Silva, Arreguy e Negreiros (2015), destacam a necessidade de possuir mais disciplinas obrigatórias específicas em Arquivologia, e que as optativas deveriam aparecer de forma equilibrada entre específicas e interdisciplinares, pois dessa forma haveria um equilíbrio nos conhecimentos que o estudante do curso deve adquirir, tanto a respeito de sua área, quanto das demais disciplinas que se comunicam com Arquivologia. Esse cuidado deveria existir pela preocupação da diluição da Arquivologia dentro de seu próprio curso, o que além de afetar na aprendizagem da área, afeta também na construção do perfil do arquivista. Se no próprio curso, a Arquivologia já for “subjugada” por demais ciências, como esse futuro profissional poderá defender sua área uma vez formado?

A harmonização que Silva, Arreguy e Negreiros (2015) propõem entre os cursos de Arquivologia, mesmo que não seja a solução ou a resposta para todos os questionamentos levantados, deveria ser uma pauta recorrente na área para que ao menos exista um ambiente de discussão e construção de pensamentos. Como os autores frisam, a harmonização não busca a normatização dos cursos, mas sim uma melhor comunicação entre eles, e o que é abordado neles. Com essa característica, seria mais fácil analisar e definir o padrão da formação de arquivistas no Brasil, e assim, seria também mais fácil apontar oportunidades de melhoria nas práticas arquivísticas ou até mesmo na produção de material científico, assim como identificar pontos fortes para discutir sobre eles também.

3.2 A profissão de Arquivista no Brasil

No Brasil, assim como no restante do mundo, o exercício da profissão é mais antigo que sua regulamentação e reconhecimento. De acordo com Coelho (1973 apud SOUZA, 2010), o cargo de arquivista foi criado no dia 5 de dezembro de 1909, porém antes disso, o profissional de arquivo já exercia suas funções no âmbito federal (desde 1890).

Em 1978, após a criação do primeiro curso de graduação em Arquivologia no Brasil, enfim a profissão de arquivista é reconhecida e regulamentada, através da Lei nº 6.546, de 4 de julho de 1978 (BRASIL, 1978a). A Lei determina que somente aqueles formados em Arquivologia, a nível superior, poderão exercer o cargo de arquivista no Brasil.

Em março de 1996, o Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ), percebeu essa necessidade de atualização, e definiu através da 4ª resolução do conselho, que os arquivistas possuíam uma nova meta: alcançar a implantação de programas de gestão de documentos arquivísticos, o que foi de grande proveito para a profissão e produção científica da área, pois assim, ampliou-se a discussão sobre o papel desempenhado pelos arquivistas, até então, desconhecido por grande parte da população (SOUZA, 2010).

Se antes o arquivista era visto apenas como o profissional que cuidava do acervo de documentação histórica, hoje uma das grandes preocupações da área é a Gestão de Documentos, o que consolida a evolução do arquivista de um profissional anteriormente tomado como passivo, para a necessidade de um profissional ativo na área que lhe diz respeito e na sociedade.

Com base no que foi apresentado até então, é perceptível que um dos maiores desafios que liga as áreas de formação em Arquivologia e o exercício da profissão do arquivista, é a frágil comunicação entre ambas. Mesmo que na pesquisa de Betancourt (2020), a UNIRIO se destaque ao compreender boa parte das competências elencadas por editais de concursos públicos, é importante ponderar que a) os editais baseiam-se na Lei que regulamenta a profissão, que não é atualizada desde a década de 1970, e que, ainda segundo Betancourt (2020), compreende em sua maioria atividades voltadas a acervos históricos; e b) com as novas responsabilidades atribuídas aos arquivistas no decorrer dos anos, como observamos na construção do perfil profissional, é evidente que uma atualização deve ser feita em tudo o que diz respeito a área, seja sua regulamentação ou formação acadêmica.

4 RESULTADOS

Após compreender quais eram as características dos grupos participantes das pesquisas, os formulários²⁰⁷ voltaram-se para a participação dos alunos e egressos nas discussões que permeiam a área. Foi observado que os alunos dos últimos períodos participam mais de discussões que os egressos, porém, em ambos os casos o número de pessoas que não participavam de nenhum ambiente de debate sobre a área foi maior que os números dos que participavam.

Esse cenário demonstra que a participação em discussões de assuntos pertinentes à área está muito ligada ao ambiente acadêmico, o que não é algo ruim, uma vez que foi necessário todo um esforço para conectar o ensino de Arquivologia no Brasil, com a produção de material técnico-científico. Porém, ainda é necessário entender o motivo do baixo número que foi apresentado por parte dos egressos, uma vez que o ideal seria utilizar as duas visões (estudantes e profissionais) nesses debates.

Em relação ao mercado de trabalho, 93% dos concluintes afirmaram já possuir alguma experiência profissional na área, e 68% dos egressos já atuaram em algum momento, embora somente 30% estivessem atuando na data da aplicação dos questionários. Essa questão foi muito abordada ao longo do formulário dos egressos. Muitos alegam que o curso possui um foco maior em instituições públicas, e a realidade da maioria dos egressos é contrária, já que atuam em empresas privadas.

As atividades mais realizadas em seu ambiente de trabalho/estágio se repetem para concluintes e egressos, assim, conseguimos visualizar que tais atividades desenvolvidas em estágios são realmente utilizadas após a formação, já no exercício de sua função. Dessa forma, os resultados das questões de aproveitamento das disciplinas do curso em relação às atividades desenvolvidas, foi muito similar entre os dois grupos, onde a maioria nos dois afirmaram que sim, as disciplinas foram muito pertinentes para sua atuação em seu ambiente de trabalho/estágio. E, em ambos os grupos, a falta de atividades práticas e a desatualização de disciplinas que tratam de documentos digitais, são motivos de críticas.

O alto número de concluintes que já possuem experiências profissionais, e ainda, que identificam as disciplinas aplicadas teoricamente em sala de aula, em seus afazeres no estágio, é um ótimo cenário. Porém, não é possível deixar que a carga prática do curso se concentre majoritariamente nas disciplinas de Estágio Supervisionado, o que foi identificado por egressos e concluintes.

²⁰⁷ Todos os dados apresentados nesta pesquisa estão disponíveis em: <https://zenodo.org/record/5501553#.YT0ZM51Ki00>

As quatro disciplinas consideradas como mais pertinentes para os concluintes, também são para os egressos na mesma ordem de aparição, sendo elas respectivamente: Classificação de Documentos Arquivísticos, Avaliação de Documentos Arquivísticos, Gestão de Documentos Arquivísticos e Arranjo e Descrição de Documentos. Esse dado denota que tantos egressos quando concluintes priorizam como disciplinas pertinentes aquelas que são voltadas mais especificamente para as práticas laborais arquivísticas, e que ainda, todas as quatro disciplinas são obrigatórias.

Com esses resultados, também foi possível visualizar que das disciplinas mencionadas como deficitárias pelos concluintes, 9 aparecem nas 22 listadas pelos egressos. Inclusive, o número de disciplinas vistas como deficitárias pelos egressos é um pouco mais que duas vezes maior que o número listado pelos concluintes. Esse dado pode ser visto como preocupante uma vez que os egressos já estão inseridos no mercado de trabalho como profissionais arquivistas, e dessa forma possuem um melhor conhecimento sobre o que é esperado de um arquivista, e a grande diferença entre os dois números pode significar que esses concluintes não possuem o mesmo entendimento, e apenas descobrirão ao se formar.

Quando questionados mais especificamente sobre as disciplinas do curso, que foram divididas em três grandes áreas nos formulários (“Tecnologia e informática”, “Pesquisa” e “Conservação e preservação”), os dois grupos apresentaram respostas bem similares nas três questões que compunham essa parte. Quanto às disciplinas voltadas para Tecnologia e Informática, ambos os grupos afirmaram que as disciplinas eram insuficientes; as voltadas para Pesquisa, ambos os grupos avaliaram como boas e Preservação e Conservação, os concluintes a avaliaram como muito boa e os egressos como boa. Assim, ficou muito claro o resultado da pesquisa de Betancourt (2020) e Souza (2010), que dizem que a graduação em Arquivologia da UNIRIO, possui seu foco em pesquisa e investigação.

Souza (2010, p. 67) afirma que “A base da formação em Arquivologia deve ser fornecida (e fortalecida) independentemente das circunstâncias locais e de mercado.”, ou seja, a solução não seria simplesmente moldar o curso de forma que ele atenda todas as necessidades atuais do mercado, inclusive, por tratar diretamente da informação (arquivística) as necessidades que se apresentam para a Arquivologia, são tão mutáveis quanto seu objeto de estudo. Porém, quando o mesmo autor diz que “Antes de buscar o diferencial, é importante definir o que é fundamental.”, e questiona “O que compõe a ‘essência’ do arquivista.” (SOUZA, 2010, p. 67), nos leva às responsabilidades atribuídas a este profissional que sempre são associadas à organização, classificação, avaliação,

preservação, conservação e difusão da informação e dos documentos arquivísticos, e para exercer essas atividades de forma consistente, é necessário adaptar-se às novas tecnologias de gestão e informação, e além disso, somente com essa característica de adaptação, o profissional poderá manter-se incluso e pertinente no mercado de trabalho.

Dessa forma, é necessário que em sua formação, o futuro profissional possua contato com ferramentas que dizem respeito a teoria, prática e pesquisa, a fim de que seja qual for o caminho que ele seguir posteriormente, ele possua base para iniciar, conhecimento do que sua área representa e ciência de suas responsabilidades enquanto, no caso, arquivista. Por isso, disciplinas voltadas para pesquisa não servem somente para auxiliar os estudantes em sua graduação, mas dar base para renovação de conteúdo teórico e até mesmo, ressignificar a área.

A respeito das atividades teóricas, egressos e concluintes concordaram que foram oferecidas atividades teóricas suficientes. Já a respeito das atividades práticas, o cenário foi o oposto, concluintes afirmaram que “definitivamente não” houveram atividades práticas suficientes e egressos que “não” houveram atividades práticas suficientes.

Por um lado, a teoria trabalhada durante o curso de Arquivologia da UNIRIO é muito elogiada por ambos os grupos. Vista como robusta e completa, com poucas ressalvas. Por outro lado, fica evidente no decorrer de ambos os formulários, que a falta de atividades práticas no curso é o maior problema, desde 2015 e que perdura até o momento dessa pesquisa (2021).

Especificamente falando do ensino arquivístico, Souza ao citar Rousseau e Couture (ROUSSEAU, COUTURE, 1994 apud SOUZA 1999, p. 169) afirma que a “arquivística é uma disciplina com finalidade profissional e, por seu turno, ela deve apoiar seus ensinamentos teóricos em uma experimentação e um contato com a prática”, e por isso é necessário que haja um equilíbrio entre os dois campos, pois somente dessa forma é que se “adquire um alto grau de profissionalismo quando existe uma nítida vinculação entre a teoria e a prática” (LOPES, 1993 apud SOUZA, 1999, p. 169).

Sobre a interdisciplinaridade do curso, 45% dos concluintes consideraram que a interdisciplinaridade trabalhada no curso é regular, enquanto 37% dos egressos a consideraram boa. Os dois grupos afirmam que a interdisciplinaridade é muito trabalhada na teoria do curso, pois como é uma característica inerente da ciência arquivística, é trabalhada com os alunos desde a disciplina de “Introdução à Arquivologia”, ainda no primeiro período. Porém, concluintes e egressos afirmam que essa interdisciplinaridade não se faz muito presente na prática do curso, e nem mesmo em sua grade curricular. Apesar de

possuir conexões com outras áreas como História, Sociologia, Filosofia e afins, essa conexão se torna muito mais escassa, se não inexistente, quando aplicada a outras áreas como Computação ou a própria Tecnologia da Informação.

Ainda que haja a preocupação exposta por Silva, Arreguy e Negreiros (2015), quanto à diluição da Arquivologia dentro de seu próprio curso, a interdisciplinaridade deve ser utilizada exatamente como uma ferramenta para evitar que essa preocupação se concretize. Possibilitando que os alunos entendam que a Arquivologia é capaz de relacionar-se com praticamente todas as áreas, mas enfatizando que por possuir os próprios métodos, objetos de estudo e produção de material técnico-científico, ou seja, salientando que a Arquivologia é uma ciência independente, é possível mostrar ao aluno todas as possibilidades de atuação que ele possuirá enquanto arquivista, a importância da área e ainda sua independência, já que mesmo relacionando-se com outras áreas, a síntese permanece a mesma.

Assim, quando esse profissional ingressasse no mercado de trabalho, além de possuir consciência de seu lugar como um profissional dinâmico e a importância de sua área, ele também estaria mais bem preparado para atuar em qualquer setor. Afinal, “considerando que na graduação, além de aprender teoria e práticas que dizem respeito a área de formação, também é construído o perfil do profissional” (SILVA, ARREGUY e NEGREIROS, 2015, p. 15), essas características o acompanhariam em sua carreira profissional.

Para poder compreender os atuais desafios da área e sua relação com a graduação em Arquivologia da UNIRIO, foi solicitado somente aos egressos (pois são os que já possuem experiência como arquivistas) para que eles abordassem os principais desafios que eles enxergavam na área atualmente, e que falassem como eles os relacionavam com a graduação.

Os desafios citados, possuem relações com: a imagem do arquivista no mercado de trabalho, o não alinhamento entre teoria e prática no cenário de arquivos digitais, a constante necessidade de renovação da área por conta das atualizações das tecnologias da informação, escassez de vagas para arquivistas em cenário público e privado, a ocupação de outros profissionais em ambiente e prática arquivística, a relação entre a Arquivologia e a sociedade, a escassa especialização em áreas dentro da Arquivologia, digitalização de documentos, a gestão de documentos nato-digitais, a falta da união de classe, falta de conselhos regulatórios para classe, atuais desafios da comunicação (como a disseminação de notícias falsas), o atual cenário político brasileiro, a própria formação em Arquivologia e a defasagem nas literaturas de referência

Dessa forma, é possível visualizar que a maior parte dos desafios listados não estão de fato relacionados com a graduação, que aparece ligada diretamente

somente em dois dos assuntos citados (a formação em Arquivologia e a escassa especialização em áreas dentro da Arquivologia). Os desafios estão mais associados com a imagem do arquivista na sociedade e mercado de trabalho, as novas tecnologias da informação, a falta de vagas e de união entre a classe e ainda desafios da academia no geral (como a falta de conexão entre teoria e prática e a defasagem nas literaturas de referência).

De fato, a graduação na área deve estar conectada com o mercado de trabalho, para oferecer aos seus alunos ferramentas e noções básicas para que os mesmos possam enfrentar e ajudar a solucionar tais desafios. Porém, essa seria somente uma parte para a verdadeira solução, que partiria de conversas realizadas em convenções onde profissionais, alunos e teóricos arquivistas, poderiam se unir e trocar suas experiências e perspectivas para melhor analisar tais desafios, assim não utilizando somente o ambiente universitário como fonte de mudança.

Quanto às sugestões, em ambos os grupos foram citados dar maior ênfase em atividades práticas durante a graduação (sendo essa a sugestão mais repetida entre os dois grupos), a utilização de laboratórios para atividades práticas, promover parcerias com empresas ou órgãos públicos, promover criação de empresa júnior, renovar os materiais utilizados nas disciplinas que abrangem Arquivologia, tecnologias e ambientes digitais, revisar a grade para implementação de mais disciplinas voltadas para tecnologia e conservação de documentos e estabelecer uma melhor comunicação entre a graduação e o mercado de trabalho.

Quanto aos elogios, os professores mais uma vez são muito mencionados como atenciosos, capacitados e ativos na área pelos dois grupos, a amplitude da grade de disciplinas oferecidas também é citada, assim como a teoria aplicada no curso. O espaço para produção de pesquisas, bem como a base oferecida ao estudante para que ele possa produzir suas próprias pesquisas, também é visto como um ponto muito positivo em ambos os grupos, que também veem o curso como muito bom para concursos públicos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, com base nos dados coletados, é possível visualizar que, ainda que acreditem que devam existir mais oportunidades de integração entre graduação e mercado de trabalho, concluintes e egressos possuem opiniões muito semelhantes em relação a graduação em Arquivologia da UNIRIO, o que nos faz entender que os concluintes possuem algum conhecimento a respeito dos desafios que irão encontrar no mercado de trabalho e que entendem como a graduação se relacionam com o mesmo; e ainda, que o curso passou por poucas grandes mudanças entre os anos de 2015 a 2021.

Sendo assim, além de alcançar o objetivo desta pesquisa que visou auxiliar na compreensão a respeito do relacionamento entre o curso de Arquivologia da UNIRIO e o mercado de trabalho da área, com base no relato de pessoas que estão se formando ou já se formaram no curso, para graduandos, professores, futuros alunos e demais pessoas interessadas no assunto, também é esperado que esta pesquisa possa servir como material de consulta para posteriores pesquisas a respeito do ensino de Arquivologia, e assim, possa auxiliar de alguma forma em discussões e mudanças necessárias para o ensino na área.

REFERÊNCIAS

BETANCOURT, Beatriz Carvalho. Recomendações para harmonização entre formação, profissão e trabalho no campo arquivístico brasileiro. 2020. 144p. Produto técnico-científico (**Mestrado em Gestão de Documentos e Arquivos**) — PPGARQ, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

BRASIL, Decreto 82.590, de 6 de novembro de 1978 (b). Regulamenta a Lei nº 6.546, de 4 de julho de 1978, que dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de técnico de Arquivo. **Diário Oficial**, Brasília, nov. 1978. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/D82590.htm>. Acesso em 16 mai. 2021.

BRASIL, Lei nº 3.780, de 12 de julho de 1960. Dispõe sobre a Classificação de Cargos do Serviço Civil do Poder Executivo, estabelece os vencimentos correspondentes e dá outras providências. **Diário Oficial**, Brasília, jul. 1960. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/1950-1969/L3780.htm>. Acesso em 16 mai. 2021.

BRASIL, Lei 6.546, de 4 de julho de 1978 (a). Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo, e dá outras providências. **Diário Oficial**, Brasília, jul. 1978. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1970-1979/l6546.htm>. Acesso em 16 mai. 2021.

MARQUES, Angélica Alves; RODRIGUES, Georgete Medleg. Um intelectual no arquivo: Legado de José Honório Rodrigues para a Arquivologia no Brasil. **Acervo**, Rio de Janeiro, ano 2017, v. 30, n. 2, p. 176-191, jul. 2017.

SILVA, Welder Antônio; ARREGUY, Cíntia Chagas; NEGREIROS, Leandro. Da Arquivologia que fazemos: Mapeamento dos currículos dos cursos de Arquivologia do Brasil. In: MATOS, M. T. N. et al. **Perfil, evolução e perspectivas do ensino e da pesquisa em Arquivologia no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2015. Cap. Parte 1 – Ensino em Arquivologia, p. 25-95.

SOUZA, Kátia Isabelli de Bethania. Análisis y evolución del panorama laboral del archivero en Brasil: el Poder Legislativo Federal en escena. 2010. 380p. Produto

técnico-científico (**Tese de doutorado**) – Departamento de Biblioteconomia y Documentación - Universidad Carlos III de Madrid, 2010.

SOUSA, Renato Tarciso Barbosa de. O papel do estágio na formação profissional do Arquivista: a experiência do Curso de Arquivologia da Universidade de Brasília. In: JARDIM, José Maria (Org.). **A formação do arquivista no Brasil**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1999. p. 167-180. <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/1446>>